

## O fim do livro

J. Roberto Whitaker *Penteado*

*Um país se faz com homens e Google. - Apud Monteiro Lobato*

Há mais de 20 anos, numa festa, conversava com um amigo – jornalista e escritor de sucesso – e disse-lhe que, na minha opinião, o livro era um objeto destinado a extinção. Muito escandalizado – e olhando-me como verdadeiro inimigo da cultura – reagiu, referindo-se à novela Fahrenheit 421, um sucesso de ficção científica da época, para demonstrar que, mesmo no futuro distante, ainda que ficcional, sempre haveria lugar para os livros.

Para quem não leu a obra de Ray Bradbury, os 421 graus fahrenheit do título referem-se à temperatura de combustão do papel, e o roteiro descreve uma sociedade oprimida, na qual um governo tirânico queima todos os livros existentes no mundo. A resistência dos cidadãos dá-se através de um artifício simples, mas laborioso: voluntários oferecem-se para registrar de cor obras importantes como A Divina Comédia, Dom Quixote, Iliada, a Bíblia, etc. e tornam-se “livros vivos”. Na ocasião, observei que o que importava não eram os livros em si, mas as idéias deles constantes – e que, no caso, o suporte passava de papel para seres humanos.

Agora, conversando com um companheiro de Caderno, por e-mail, ele queixa-se: as novas gerações não leem livros; o que vai ser de nós? Ao iniciar a resposta, percebo um fato novo: eu mesmo - parte de uma geração educada pelos e com os livros - simplesmente há anos não leio um livro inteiro – da primeira à última página! Tenho e ainda compro muitos livros; folheio-os; leio capítulos, passagens – mas deixei de ser o leitor que era, digamos, há 30 anos. Honestamente, não me fazem falta. Só o que a internet e o seu google me trouxeram como acréscimo, em matéria de fontes de informação e de educação, substitui com folga os livros que deixei de ler.

E agora, José Roberto? Lembro-me de que era ainda mais radical – na discussão com o amigo, 20 anos antes. Dizia-lhe: por que diabo um objeto inventado há 500 anos, baseado numa codificação de palavras inteiramente arbitrária – as letras e os símbolos gráficos – não pode ser substituído por alguma coisa melhor, mais funcional e eficaz?

A recente leitura (parcial) de um instigante livro de Derrick De Kerckchove, A Pele da Cultura, ensinou-me algo interessante: as palavras – e a sua organização em idiomas - foram um importante instrumento no ensino da humanidade a pensar, disciplinando suas descargas neurônicas e outros impulsos mentais para a representação de idéias definidas. Mas não necessariamente a sua representação visual, gráfica e – muito menos – o seu suporte em papel, sejam livros, revistas ou jornais.

Em outras benditas palavras: é pelo menos teoricamente possível que desapareçam, não só os livros, mas também as representações simbólicas visuais das letras, acentos, pontuação, etc. e que surjam dois novos meios – ou um só – que substituirão (á) tanto o papel (o que já acontece) como a própria escrita como nós a conhecemos. Desse último possível fenômeno, só há uns poucos indícios - ainda mal definidos.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. O fim do livro. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, maio 2006. Disponível em://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=195&ID=328>. Acesso em: 17 ago. 2009.